

A NEGAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PSICOPOLÍTICA: O CASO DO BOLSONARISMO

Domenico Uhng Hur¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre o mecanismo da negação como uma estratégia psicopolítica que articula o movimento bolsonarista. Como método de trabalho, realizamos uma discussão teórica sobre alguns aspectos do movimento bolsonarista que são estruturados pelo negacionismo. Empregamos os conceitos da psicologia política, da esquizoanálise e da psicanálise de grupo para analisar este fenômeno. Para discutir os mecanismos de negação, constatamos quatro características principais: (i) a negação como estratégia discursiva, (ii) a lógica cognitiva da negatividade, (iii) a produção do antagonismo coletivo e (iv) a micropolítica do ódio, que é anterior à necessidade de um líder.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Política. Extremismo político. Esquizoanálise. Grupo.

ABSTRACT: The aim of this article is to reflect on the mechanism of denial as a psychopolitical strategy that articulates the Bolsonarist movement. As a method, we carried out a theoretical discussion about some aspects of the Bolsonarist movement that are structured by denialism. We used concepts from Political Psychology, Schizoanalysis and Group Psychoanalysis to analyze this phenomenon. To discuss the mechanisms of denial, we found four main characteristics: (i) denial as a discursive strategy, (ii) the cognitive logic of negativity, (iii) the production of collective antagonism, and (iv) the micropolitics of hate, which precedes the need for a leader.

KEYWORDS: Political Psychology. Political extremism. Schizoanalysis. Group.

¹ Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com Estágio Doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e Pós-Doutorado na Universidade de Santiago de Compostela (USC-Espanha). Professor Associado da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro do Instituto Gregorio Barenblitt. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPq. Autor e organizador de artigos e livros de Esquizoanálise e de Psicologia Política, entre eles: “*Psicologia, política e esquizoanálise*” (Hur, 2018), “*Psicologia dos extremismos políticos*” (Hur & Sabucedo, 2020) e “*Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política*” (Hur, 2022). E-mail: dutchwild@yahoo.com.br



De modo contrário ao que alguns analistas políticos acreditavam em 2018, o governo Bolsonaro não foi um fracasso na opinião pública. Mesmo com o discurso negacionista em relação à pandemia da Covid-19, os constantes conflitos com os poderes legislativo e judiciário, a queda nos índices econômicos e as críticas negativas que recebeu de grande parte dos meios de comunicação, Jair Bolsonaro obteve 49,1% dos votos válidos no segundo turno das eleições de 2022, por pouco não se reelegendo como presidente. Além do quase êxito eleitoral, o ex-presidente mobilizou uma nova militância, um “novo” movimento político, com características peculiares, denominado de bolsonarismo.

É difícil falar do bolsonarismo, visto ser um movimento ainda em consolidação. Foi se estruturando em meio ao discurso anti-PT e anti-esquerda, assumindo um posicionamento com pautas morais conservadoras e a defesa de práticas neoliberais (Solano, 2019). Entretanto não consideramos que o bolsonarismo é formado por todo o eleitorado de Jair Bolsonaro, pois há muitas pessoas que votaram no ex-capitão devido a um posicionamento anti-PT e anti-Lula, pela defesa da lógica neoliberal, ou mesmo pelo que Hur (2021b) denomina de ideal transcendente da mudança. Compreendemos que o bolsonarismo é o movimento social constituído pelos apoiadores mais efusivos de Bolsonaro, que assumem uma militância política ativa, seja no cenário público, nas ruas, nos (ex)acampamentos, ou nas redes digitais e que expressam as posições do ex-presidente de maneira radical e extrema, ou seja, que defendem a moral conservadora hegemônica, o neoliberalismo no âmbito da economia-política e práticas contundentes contra as minorias sociais² (sejam étnico-raciais, de sexo-gênero, ou de classe social). Nesse sentido, pode ser visto como uma nova oferta política da direita, ou melhor, da extrema-direita brasileira, que agrega dois polos aparentemente contraditórios: o conservadorismo nos costumes e um ultraliberalismo na economia, constituindo uma espécie de inconsciente colonial-capitalístico, tal como Rolnik (2018) propõe.

² Entendemos por minorias sociais, tal como Deleuze e Guattari (1980), os coletivos que têm menos poder e que de certa forma sofrem algum tipo de opressão pelos grupos dominantes. Nesse sentido, não se trata de uma questão quantitativa, numérica, mas sim em relação aos regimes de forças. Por exemplo, os pobres, ou as mulheres, são uma maioria numérica, mas uma minoria no sentido das relações de poder.



Após a derrota de Bolsonaro no 2º turno, esperava-se que o bolsonarismo arrefecesse. Entretanto, os bolsonaristas não desistiram e intensificaram sua mobilização no espaço público. Organizaram acampamentos diante de quartéis do Exército, clamando por uma intervenção militar que destituísse o novo presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. Acampamentos que duraram dezenas de dias sob sol e chuva, que permaneceram durante as festas de fim de ano como Natal e Ano Novo e aglutinaram milhares de pessoas em várias cidades do país (Oyama, 2023). A mobilização bolsonarista atingiu seu ápice com a invasão e depredação do Congresso, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal em 08 de janeiro de 2023, evento que ficou conhecido como “Capitólio brasileiro”, ou mesmo pode ser denominado de “Intentona bolsonarista”. Essa manifestação e depredação tiveram como objetivo a ocupação dos Três Poderes para “forçar” uma idealizada intervenção militar que retirasse o presidente Lula da presidência do país, ou seja, foi uma tentativa de golpe de Estado (UOL, 2023).

Na mobilização bolsonarista, constata-se um forte discurso de negação, em que se rechaçam os fatos ocorridos, como o resultado das eleições, e se teme um futuro fantasioso ao país, como a troca das cores da bandeira brasileira pelo vermelho, a instalação do comunismo e outras fantasias imaginárias coletivas. Análises superficiais no senso comum afirmam que os bolsonaristas estão numa espécie de surto psicótico coletivo, que são loucos e desarrazoados, ou até adotam um tom de pilhéria, zombando e depreciando as manifestações dos movimentos extremistas de direita.

Entretanto, será que etiquetá-los como loucos resolve a problemática do bolsonarismo? Consideramos que essa adjetivação e psicopatologização do movimento bolsonarista servem apenas a uma função “moral” de depreciação. Deste modo, conjecturamos o contrário, que o bolsonarismo não resulta de um desvario e é estruturado por mecanismos previamente planejados por uma estratégia elaborada, dentre os quais um elemento adquire importância central: a negação, ou o negacionismo.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre o mecanismo da negação como uma estratégia psicopolítica que articula o movimento bolsonarista. Dito de outro modo,



buscamos discutir como o negacionismo estrutura o ativismo bolsonarista a partir de um olhar psicopolítico. Como nosso foco de interesse são as dimensões psicopolíticas do movimento bolsonarista, não conjecturaremos sobre os financiadores dos acampamentos e da invasão, e nem sobre a complexa rede de empresários e políticos que lucrariam com este Golpe de Estado.

Como método de trabalho, realizamos uma discussão teórica sobre alguns aspectos do movimento bolsonarista que são estruturados pelo negacionismo. Para tanto, empregamos conceitos da psicologia política, da esquizoanálise e da psicanálise de grupo para analisar o uso da negação por estes ativistas políticos. Mesmo sem citá-las diretamente, utilizamos como fonte notícias publicadas nos grandes meios de comunicação que descrevem fenômenos de negação do bolsonarismo. A partir de alguns fatos e narrativas que tiveram maior *intensidade* (Hur, 2021c), relacionados principalmente com a mobilização nos acampamentos e a invasão dos Três Poderes perpetrada pelos bolsonaristas, hipotetizamos sobre a função estruturante da negação neste movimento.

Nossa hipótese é a de que o negacionismo funciona como uma espécie de organizador psíquico coletivo, assumindo um lugar central para sua estratégia de mobilização política. Para discutir os mecanismos de negação estruturantes do bolsonarismo, constatamos quatro características principais: (i) a negação como estratégia discursiva, (ii) a lógica cognitiva da negatividade, (iii) a produção do antagonismo coletivo e (iv) a micropolítica do ódio, que é anterior à necessidade de um líder.

1. A NEGAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA

Em toda sua trajetória política, Jair Bolsonaro utilizou a estratégia discursiva da negação para ganhar visibilidade na opinião pública (Hur & Sandoval, 2020), expressando-se de um modo contundente e agressivo que captura a atenção dos espectadores. Seu discurso é tão extremo que não admite meio-termo ou conciliações, o público ou adere, ou rechaça totalmente. Utiliza de modo magistral a estratégia política conhecida como populismo



(Mudde, 2004), sempre se colocando como antagonista ao *status quo*, operando uma cisão dicotômica entre *nós* e *eles*. Em sua estratégia retórica, há diversos tipos de negação, como o ataque ao *status quo* e à considerada *velha política*, modo pelo qual busca contrapor-se às elites sociais, às minorias sociais e inclusive a fatos do real.

Essa atitude pautada pela negação não provém de um desvario, de uma psicopatologia (Hur, 2021a), ou de uma negação ingênua da realidade. Ao contrário, sustentamos que é uma sofisticada estratégia discursiva populista (Hur, 2021b) que tem como finalidade criar uma cisão entre o *status quo* e o povo (Dorna, 2012), na qual Bolsonaro se coloca como esse representante, o “homem providencial” que é porta-voz de uma população vitimada pelo poder do Estado e das classes dominantes “corruptas”. Ou seja, o “messias” que encarnará e portará a mudança, caso seja eleito, contra a velha política, remetendo ao imaginário do combatente solitário que luta contra as tropas inimigas e que pode vir a criar uma suposta “nova política”. Contudo, vale lembrar que Bolsonaro foi parlamentar por 28 anos e presidente por 4 anos, e, nessas mais de três décadas de exercício político profissional, não operou uma mudança em relação à velha política tradicional instituída.

O discurso populista não é eficaz em todos os momentos, mas sobretudo em momentos de crise social e econômica (Dorna, 2012). Nos períodos de crise, a população é lançada num contexto de insegurança e indeterminação social, não sabendo ao certo quais serão as soluções para superar esses momentos de adversidades. Dessa forma, há muita ansiedade, insegurança, afetos reativos, medos, responsáveis por gerar uma grande instabilidade emocional, que é vivida tanto na perspectiva individual como na coletiva. Nesse contexto, há uma tendência geral de que as pessoas procurem respostas para os problemas vividos, não raras vezes fixando-se em certezas absolutas, podendo assumir posições fundamentalistas, extremistas e intolerantes.

A negação do estado atual de coisas é uma ferramenta central no discurso populista, e bolsonarista, pois apresenta eficácia política em aglutinar as insatisfações da população contra a crise social, o Estado e demais órgãos do poder público. Cria uma ponte de identificação entre uma população que se sente abandonada ou injustiçada pelas elites sociais “corruptas”,



constituindo um *agenciamento*, conexão, entre seu ressentimento, suas forças reativas e a raiva diante das elites, ao líder político que expressa seus percalços. Contudo, compreendemos que não é apenas a conexão entre uma estrutura psíquica e um representante social, na ligação do ideal de Eu ao líder (Freud, 1921), mas sobretudo a produção de uma caixa de ressonância, de fronteiras para um coletivo, na constituição de um movimento social contra o *status quo*.

Por isso, a retórica da negação não aglutina apenas as insatisfações em relação à política instituída, mas também em relação ao mal-estar cotidiano que o cidadão comum sente, suas angústias, seus ressentimentos frente à humilhação diária, a falta de sentido na vida, as crises existenciais, aspectos que não são simbolizados, ou racionalizados, como o *terror sem nome*, e que passam a ser depositados nos “inimigos políticos”, que cumprem uma função psicopolítica de bode expiatório (Pichon-Rivière, 1983). Um conjunto de insatisfações e afetos negativos que são condensados, deslocados e depositados nesse inimigo construído. Em vista disso, o populismo é mais eficaz em momentos de crise social e econômica (Dorna, 2012; Laclau, 2005), uma vez que maneja muito bem os afetos de injustiça, ira, ódio e ressentimento como modo de mobilização social (Sabucedo & Vilas, 2019).

Neste cenário de crise vivida nos âmbitos individual, coletivo e político, o discurso de negação do *status quo* proporciona uma figuração, simbolização, para o mal-estar. Por mais que possa ser falso, falacioso, ou muito simples, oferece explicações à população sobre a origem de seu mal-estar, ou proporciona um deslocamento em que se deposita as agruras da vida em bodes expiatórios. Por exemplo, o nazismo na década de 1930 criou o discurso de que os culpados pela miséria econômica na Alemanha eram os judeus, e não os efeitos do malfadado Tratado de Versalhes, bem como os atuais partidos de extrema-direita na Europa culpam os imigrantes pela falta de emprego, e não os intrincados mecanismos de gestão neoliberal da vida (Lazzarato, 2019).

A negação do outro é operacionalizada para que ele seja constituído como o bode expiatório, como a origem de todos os males. O outro negado passa a ser o depositário, o culpado de todas as vicissitudes que se vive. Assim, imaginariamente deve ser excluído,



eliminado, para que as coisas melhorem, ou voltem a um idealizado “normal”. Ao fabricar a figura do inimigo, que deve ser negado e atacado, o coletivo produz para si uma espécie de regulação psíquica (Bleger, 1975), mesmo que momentaneamente, pois “sabe” qual é a origem dos males sentidos, fixando-se nesse conjunto de ideias como uma crença instituída. E o discurso de seus colegas de movimento passa a fortalecer a sua própria crença, e conseqüentemente de todo coletivo social, visto que aquela ideia que apareceu primeiramente como algo instituinte se torna instituída: uma crença compartilhada.

Forma-se, então, um “envelope psíquico” coletivo (Anzieu, 1993), que, ao se organizar progressivamente, constitui uma identidade coletiva para esse novo movimento. A criação de fronteiras, os traços identitários coletivos, a crença social compartilhada e os inimigos em comum cumprem uma função de apoio e continência psíquica ao integrante do grupo social (Kaës, 1997), pois oferece um novo sentido e lugar sociais. Também pode proporcionar situações de catarse coletiva, fortalecendo a própria identidade de grupo, seja ao se cantar músicas nacionalistas e o hino nacional, seja ao se planejar o ataque a seus inimigos, num plano de ação que consolida ainda mais esses novos laços de sociabilidade.

Portanto, consideramos que a negação é um mecanismo que funciona como estrutura basal do bolsonarismo. A negação é aquilo que faz a ligação entre os membros desse coletivo, seja a negação do outro, seja mesmo do que se vive. A estratégia discursiva da negação funciona como uma “bola de neve”, de modo molecular em cada um dos seus integrantes, na medida em que provoca uma espécie de cadeia aritmética de negações, que se propaga difusamente em um regime de oposição ao que o movimento não quer, ou não aceita. Então não é necessário que uma “central de informações” crie todas as narrativas de negação e se difunda aos seus integrantes, elas podem ser criadas por eles mesmos, regionalmente, negando os novos fatos reais que lhes são apresentados a cada instante. E é daí que retira sua força, tanto das negações ressoadas coletivamente como de seu potencial instituinte molecular e capilar, sempre criando novos discursos de negação, de modo, a um só tempo, difuso e regionalizado. É por isso que os debates racionais, pautados em argumentos e fatos, não se mostram efetivos para desconstruir o discurso bolsonarista, levando a uma discussão



geralmente sem fim. A existência de discursos e fatos a serem negados e atacados pelo bolsonarismo faz parte de sua estratégia para se afirmar e se consolidar entre seus integrantes.

2. LÓGICA COGNITIVA DA NEGATIVIDADE

O discurso pautado na negação intensifica um processo cognitivo precário, que opera pela lógica da negatividade (Deleuze, 1962). A lógica cognitiva articulada pela negatividade funciona de modo simples, não sofisticado, em que a uma tese sempre se coloca seu negativo, a antítese (Hur, 2022). Se um fato externo contrário à crença do movimento é colocado, ele não será escutado e refletido; ao contrário, é e será negado. Após sua negação, a mesma crença bolsonarista passa a ser reafirmada para fortalecer a negação desse novo fato. É muito comum, por exemplo, a repetição do seguinte refrão bolsonarista em discussões: “Ah, mas com o PT é pior...”, ou “Lula é criminoso, é bandido”.

Opera-se no bolsonarismo uma lógica de pensamento pautada pela negação, ou seja, pelo antagonismo (Laclau, 2005), com um funcionamento binário, dicotômico. Por isso, afirmamos que não se trata de um movimento de loucos, ou mesmo de pessoas sem formação, que estão delirantes ou desconectadas da realidade, pois há outra modalidade de estruturação cognitiva que faz com que haja uma redução ou empobrecimento do debate. Ao invés de tomar a complexidade do pensamento e suas diversas variáveis, tal perspectiva funciona na lógica dicotômica do negativo, em que sempre há o primado da crença sustentada. Se resumíssemos a racionalização bolsonarista em uma simples equação, ela seria: [Fato real] (A) vs [Negação do Fato real] (-A) = Crença bolsonarista (CB). Então todo debate com um bolsonarista tende a seguir a lógica $A/-A = CB$, sendo uma contínua reiteração da crença bolsonarista, dificilmente chegando a outra conclusão.

Deste modo, constata-se que é uma racionalização que não deriva da análise de dados concretos, do fora. É uma racionalização que deriva do afeto vivenciado (de ansiedade ou ódio) e da reafirmação da própria crença sustentada pelo coletivo bolsonarista, que se perpetua como uma ideologia imaginária comum (Kaës, 1980). Ao invés de ser deduzida de



um cálculo a partir de elementos do real, tem como combustível os afetos reativos e as crenças consolidadas. Assim, a “racionalização” realizada tem apenas como finalidade justificar suas crenças e afetos. Isto é, não há uma racionalização com base em dados concretos que possa ter como resultado uma crença. Há, ao contrário, a repetição da mesma crença que força a geração das mesmas conclusões e que muitas vezes faz com que o coletivo bolsonarista chegue até a acreditar em algumas fake news bastante disparatadas (Mendonça, 2022).

Seus próprios mecanismos cognitivos estão codificados a tal ponto que só conseguem ver o que creem, é como, por exemplo, se usassem óculos com lentes vermelhas e apenas percebessem a predominância da cor vermelha sobre as outras cores. Portanto, a racionalização bolsonarista é enviesada, indutiva, e não dedutiva. Somente vê o que já acredita, e nega o que não se alinha à sua crença. Por isso, algumas justificativas de bolsonaristas em apoiar o golpe de Estado parecem insanas. Mas não são, são recursos, narrativas argumentativas organizadas de modo dicotômico, pela lógica da negatividade, para tentar provar o próprio ponto, e convencer, senão o outro, a si mesmo.

Constitui-se, assim, um pensamento dogmático, recheado de imperativos, de significantes despóticos que não podem ser negados. Tal perspectiva encarna a contradição de ser um pensamento da negação que não aceita sua própria negação, apenas a negação do enunciado do outro. Um pensamento que deveria ser movimento (Deleuze & Guattari, 1972), mas que se estratifica como algo estático, que podemos denominar de *significantes congelados*, pois se estratificam e se perpetuam por si só. O bolsonarismo procura justificar de qualquer maneira suas posições defendidas, configurando uma identidade fixa, bem como almejando a constituição de fronteiras firmes, como a defesa do território, da família e da própria nação.

Do ponto de vista de uma economia psíquica, essa mesma dicotomia ocorre com uma divisão, uma cisão, um *splitting*, em que imaginariamente se mantém as características positivas em si e as negativas no outro, no inimigo. Opera-se com uma espécie de mecanismo narcísico, em que o coletivo julga encarnar o bem, enquanto supõe-se ser o mal o que é



diferença. Resulta-se que na lógica cognitiva bolsonarista, dicotômica, só há bem e mal, apenas dois polos. Assume-se uma configuração simples e primitiva, em contraposição à multiplicidade de combinações possíveis. É nesse sentido que a função dos bodes expiatórios é fundamental para o movimento bolsonarista, tal como supracitado, estando associada a um imperativo psíquico de primeiro localizar e depois combater esse mal. Muitas vezes, esse mal depositado no outro, no inimigo, carrega traços de sua própria “maldade”, de aspectos seus não simbolizados e elaborados, dos próprios “microfascismos” (Deleuze & Guattari, 1980), sejam conscientes ou não. Como consequência, o apelo pelo ataque e destruição do inimigo passa a ser preponderante, uma vez que seria uma forma imaginária capaz de expiar e eliminar esse mal.

Constata-se também, do ponto de vista cognitivo, que esse mal funciona com uma espécie de vetor gravitacional, então tudo que é considerado ruim passa a ser agregado a esse “mal”. O presidente Lula, colocado como bode expiatório, é hostilizado e atacado com diversos adjetivos pejorativos pelos bolsonaristas, sendo o candidato a presidente em 2022 mais xingado em redes sociais (Portal 96 FM, 2022). Membros dos poderes públicos também são criticados, como os próprios ministros do Supremo Tribunal Federal (Porto, 2022), que também passam a ser depositários dos aspectos negativos para o movimento bolsonarista. Consideramos que esse depósito é reforçado pelo próprio marketing político bolsonarista, que deslocou a ideia de “mal” para o presidente Lula e o STF, para manejar a estratégia do antagonismo.

3. PRODUÇÃO COLETIVA DO ANTAGONISMO

A estratégia política calcada na negatividade não se restringe ao manejo discursivo e tampouco aos mecanismos cognitivos do pensar; ela também se expressa na organização coletiva do movimento. Nesse discurso que se opõe ao *status quo*, atualiza-se o maior organizador psíquico do bolsonarismo, que é a constituição de um endogrupo contra o exogrupo (Tajfel & Turner, 1985), qualquer que seja. Dessa forma, organiza-se pela cisão



entre grupo interno *versus* grupo externo, em que se articula e se atua pela negação do outro, seja a esquerda política, sejam os movimentos sociais minoritários, sejam mesmo as elites sociais. Na campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018, o objeto do antagonismo, o inimigo, era o PT e a esquerda política de forma geral. No início da pandemia do coronavírus, foi fabricado o antagonismo contra a Organização Mundial de Saúde (OMS) e os governadores dos diferentes estados do país (Hur; Sabucedo & Alzate, 2021). No fim do governo Bolsonaro, o antagonismo foi deslocado para o presidente eleito, Lula, e o STF, encarnado na figura do Ministro Alexandre Moraes.

O antagonismo é uma estratégia clássica dos movimentos extremistas (Hur, 2021b), pois a visualização de um inimigo em comum é um elemento fortalecedor do vínculo interno do endogrupo. Na medida em que se fabrica o outro como inimigo, o grupo interno se fortalece para combatê-lo, intensificando também sua própria identidade coletiva. Assim, a negatividade é o elemento principal tanto na formação da subjetividade como do laço social bolsonarista.

A produção do antagonismo calca-se num investimento narcísico no Eu, tal como supracitado, numa estrutura *egotizada*, em que o Eu é depositário dos investimentos desejantes positivos, numa espécie de erotização do Eu, tornando-se assim, para si, o “cidadão de bem”, aquele que está correto. Há a constituição de um corpo cheio (Baremlitt, 1998), repleto de certezas e “verdades”. Contudo, não é apenas o Eu que se torna o depositário dessas características positivas, do “bem”. O seu semelhante, o integrante de seu próprio coletivo social, também é depositário dessas características positivas, pois se assemelha mais a si do que aos seus contendores. Há a constituição de um laço imaginário grupal, que deriva de uma espécie de narcisismo expandido (Fernandes, 1999) em direção a este grupo de iguais, tal como se fosse uma bolha narcísica, uma comunidade de bons samaritanos reunidos em prol da defesa do país, contra o suposto comunismo ou “venezuelização” do país. Portanto, o grupo interno, o endogrupo, é positivado, e os grupos que estão fora dessa *superfície* são negativados.

Os mecanismos de negação operam tanto dentro como fora do endogrupo. No âmbito



intragrupal, o discurso de negação dos integrantes do grupo interno funciona como uma cadeia de *feedbacks* que fortalece a crença bolsonarista, tal como um *endomarketing*, isto é, um marketing interno ao movimento bolsonarista, envolvido na produção de um discurso que se fortalece em sua repetição. Já na relação entre endogrupo e exogrupo, o discurso do outro opera como um anti-modelo, como referência daquilo que está equivocado, que deve ser negado e atacado (Tajfel & Turner, 1985). Atacar o outro, conseqüentemente, fortalece ainda mais a liga imaginária do grupo interno, na medida em que pode resultar na reafirmação de um discurso e postura ainda mais rígidos, numa hiperterritorialização de suas crenças e identidade coletiva, de modo muito semelhante aos fundamentalismos e tribalismos. Então, o endogrupo bolsonarista, em sua conduta reiterada de negação e antagonismo, tende a não aprender ou aceitar algum elemento novo oferecido pelo exogrupo, rechaçando-o, pois está estruturado pelo pressuposto básico de grupo de ataque e fuga (Bion, 1975), que tem como meta o ataque ao outro, ou sua fuga. É, portanto, um coletivo organizado para combater o outro, com um alto grau de agressividade e necessidade de certezas.

4. MICROPOLÍTICAS DO ÓDIO E FUNÇÃO DO LÍDER

Devido ao seu alto grau de negação, o bolsonarismo se constituiu como um movimento político extremista por excelência. Não há diálogo, nem negociação com a diferença, apenas ataques verbais e até físicos, tal como vimos com a invasão e depredação dos Três Poderes. De certa forma, podemos hipotetizar que o bolsonarismo inclusive é anterior a Bolsonaro, sendo um movimento autoritário, excludente, que estava esperando por um “líder” que não teria censuras próprias em expressar e afirmar todas as hierarquias e desigualdades que vivemos no Brasil (Brandino, 2022). Trata-se, nesse sentido, de um movimento que já estava presente na sociedade brasileira, destilando ódio às diferenças, e que teve em Jair Bolsonaro o líder perfeito, que expressa tais características e que cria as fronteiras imaginárias e identitárias desse movimento, o bolsonarismo. O populismo da campanha de Bolsonaro foi exemplar em canalizar o movimento de ódio capilarizado e difuso



na sociedade (Hur & Sandoval, 2020).

Por exemplo, o conservadorismo no bolsonarismo não alude a conservar valores para a integridade e bem-estar social como um todo, mas à manutenção das assimetrias sociais tal como estão instituídas na sociedade brasileira, ou seja, *conservar* os regimes de forças hegemonicamente consolidados. Então mantém a exclusão das minorias sociais. Legitima o poder do homem sobre a mulher, sendo sexista. Patologiza a diversidade sexual, calcando-se na heteronormatividade. É classista, pois defende o lucro dos mais ricos, e não se importa com a miséria dos mais pobres, a desvalorização das aposentadorias dos idosos ou a precarização dos direitos dos trabalhadores. Defende a família, mas do ponto de vista do homem, na lógica patriarcal e falocêntrica.

Consideramos que o bolsonarismo não é um movimento totalitário e piramidal. Como afirmariam Deleuze e Guattari (1980), em sua discussão sobre os microfascismos, é um movimento mais horizontal que vertical. De tal modo que não necessitava de um líder para constituir-se, pois esse ódio e destrutividade molecular já estavam difusos pelo país, já eram preexistentes antes da aparição dessa figura concreta. Não foi Bolsonaro que inventou o ódio e ressentimento sentidos por parcela significativa da população brasileira, e tampouco manipulou as multidões, tal como um líder sugestador, teorizado por Le Bon (1895) e Freud (1921). Não foi o líder que enganou as massas, ao contrário, de acordo com Bion (1975) pode-se dizer que ele é expressão do desejo do coletivo. Os alemães desejaram o nazifascismo hitlerista (Deleuze & Guattari, 1972), bem como os bolsonaristas desejam o necroliberalismo bolsonarista (Hur, 2021a).

Visto desse modo, não é o líder que domina a massa, ele é efeito das massas, ou, como Bion (1975) afirma, o líder desses grupos geralmente é o elemento mais regredido da multidão, pois é o que aceita todo esse desejo destrutivo e conteúdo precarizado do coletivo extremista. De acordo com o enunciado bioniano, e contrariamente a Freud e a Le Bon, afirmamos que Bolsonaro não sugestou e dominou o seu séquito de seguidores, mas foi a sua caixa de ressonância, porta-voz, o líder que estruturou e canalizou o ódio e destrutividade brasileira, tornando-se o retrato abjeto do anseio destrutivo, autoritário e excludente. Mesmo



com o aparente mutismo do ex-presidente, que deixou de emitir opiniões públicas após o segundo turno eleitoral, e depois abandonou temporariamente o país, o movimento bolsonarista prosseguiu vivo e se organizou como movimento de massas, levantando os acampamentos diante dos quartéis militares, e executando seu ato mais destrutivo e possivelmente sua cartada final: a invasão e depredação dos Três Poderes.

É fato que a ausência de um líder desorganiza a multidão, pois sem um “comandante” ela perde parte de suas referências e corre o risco de se esfacelar. Entretanto, o bolsonarismo passou a migrar a deposição (Pichon-Rivière, 1983) da liderança do ex-presidente para a Instituição Forças Armadas. Houve o deslocamento do papel de líder de uma pessoa para uma Instituição. Nesse sentido os bolsonaristas começaram a clamar que as Forças Armadas fossem o líder do movimento golpista. O líder deixou de ser uma pessoa, para ser uma instituição, seja em sua dimensão concreta ou imaginária (Baremlitt, 1996; Hur, 2018).

Mesmo com as prisões e repressão dos aparatos estatais, o bolsonarismo ainda é um movimento extremista muito perigoso, pois essas células autoritárias e excludentes não emergem de um poder centralizado, não são resultantes da sugestão ou manipulação de um líder, do imperativo de um partido, ou de um movimento político tradicional, piramidal. Ao contrário, estão difusas molecularmente por todo o território nacional. Reafirmamos que o bolsonarismo é preexistente ao seu líder, pois é o agenciamento de moléculas, a princípio individualizadas, carregadas de ódio, forças reativas e de ressentimento, num movimento político que tem como finalidade o combate ao existente, qualquer que seja. Então essas moléculas nihilistas se conectam e se agenciam com outras moléculas destrutivas, com uma grande força centrípeta, tal como um buraco negro. Suas conexões moleculares podem constituir formações molares, que passam a contagiar e ressoar de forma mais intensa o ódio e os afetos destrutivos, tornando-se um coletivo cada vez maior. Constituem uma espécie de “Reação molecular”, e não uma “Revolução Molecular” (Guattari, 1977), num tipo de uma máquina de guerra que não é a máquina de guerra revolucionária, senão uma máquina de guerra suicida, que tem a guerra como última finalidade, uma espécie de corpo canceroso (Deleuze & Guattari, 1980), que ataca o resto do corpo social.



Talvez a Intentona Bolsonarista tenha sido essa última ação suicida, talvez não. De qualquer forma o bolsonarismo é estruturado pelo combate e negação ao instituído. Por isso, o alvo de ataque, o bode expiatório, constantemente é deslocado de figura, podendo ser qualquer um. Para o bolsonarismo, sempre há um culpado pelos percalços em que se vive, mas não há uma autocrítica. O mal sempre está lá fora e no outro, a não ser quando houver uma abertura do grupo a tal ponto que os fatos do real se mostrem mais fortes do que a fantasia imaginária coletiva, e o movimento assim saia da lógica cognitiva da negação para da elaboração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos refletir como o movimento bolsonarista se estrutura pela negação em diversas instâncias: seja a discursiva, seja a cognitiva, seja, enfim, a coletiva. Consideramos que a estratégia discursiva da negação apresenta grande eficácia, pois garante uma propagação molecular, em que novos fatos sempre podem ser combatidos a partir da lógica negacionista, somada à reafirmação da crença bolsonarista, não apenas pela “direção” do movimento, mas por qualquer um de seus integrantes.

É um movimento que funciona pelo primado da ressonância e do contágio de afetos não sofisticados, como o medo e o ódio. Afetos que provocam uma modalidade reflexiva mais primitiva, que, ao invés de funcionar por uma lógica da multiplicidade, de um pensamento complexo, atua por uma lógica binária, dividida apenas entre bem e mal. Opera, portanto, uma espécie de *splitting* psíquico, em que o coletivo bolsonarista assume as características positivas – o “patriota”, o “bom cidadão” – e atribui aos outros, seus inimigos, as características negativas, que são convertidos em bodes expiatórios.

Do ponto de vista social, funciona com a produção do antagonismo, em que sempre deve combater esse outro que foi o depositário das características negativas, tal como na estratégia populista. E o movimento bolsonarista se propaga e ressoa como se fossem ondas *Wi-Fi*, em que as moléculas se agenciam pelas forças reativas vividas individualmente, mas



que se multiplicam quando conectadas e ressoadas coletivamente. Com base nisso, pode-se afirmar que o bolsonarismo é prévio a seu líder, que em realidade é o líder que é colocado neste lugar pela multidão marcada pelo ressentimento e pelo niilismo. Bolsonaro então é o sintoma de uma sociedade enferma, niilista e com um intenso desejo destrutivo. Ele é o efeito das massas, e não a causa delas.

Portanto, não é um movimento a princípio desarrazoado, formado *a priori* por pessoas delirantes. É uma estratégia concertada e eficaz de mobilização, mas que devido aos seus reiterados mecanismos de negação, pode provocar um certo afastamento da realidade, no que se refere à aceitação e à metabolização dos novos acontecimentos, gerando uma fixação desmedida nos ideais e nas crenças bolsonaristas. Quando há uma primazia da fantasia coletiva sobre os fatos do real, há um empobrecimento psíquico e um grande risco à saúde mental dos participantes, que pode resultar numa multidão delirante com ideias *quixotescas* que passa a negar e destruir tudo o que vê pela frente.

6. REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregorio F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

BAREMBLITT, Gregorio. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Ed. Instituto Félix Guattari, 1998.

BION, Wilfred R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, São Paulo: Edusp, 1975.

BLEGER, José. *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós, 1975.

BRANDINO, Géssica. Bolsonaro concretizou extremismo, e Jefferson é exemplo disso, diz psicólogo. *Folha de S.Paulo*, p. A-15, 29 de setembro de 2022.

DATAFOLHA. 93% repudiam ataques em Brasília, e 55% responsabilizam Bolsonaro. 12 de janeiro de 2023. *Datafolha*. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniao-e-sociedade/2023/01/93-repudiam-ataques-em-brasilia-e-55-responsabilizam-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.



DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio - Sociedade Cultural, 1976 [1962].

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Capitalismo e esquizofrenia: o anti-Édipo*. São Paulo, Ed. 34, 2010 [1972].

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996 [1980].

DORNA, Alexandre. *Fait-il avoir peur de l'homme providentiel?* Paris: Bréal, 2012.

FERNANDES, Maria Inês A. Uma nova ordem: narcisismo expandido e interioridade confiscada. In M. O. A. Fernandes; I. R. Scarcelli & E. S. Costa (orgs.). *Fim de século: ainda manicômios?* São Paulo: IPUSP, 1999.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e análise de Ego. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, p.87-179, 1976 [1921].

GUATTARI, Félix. *A revolução molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1981 [1977].

HUR, Domenico U. *Psicologia, política e esquizoanálise*. Campinas: Alínea, 2018.

HUR, Domenico U. Discursos sobre a retórica governamental de Bolsonaro: louco, genocida, necroliberal ou cortina de fumaça? *Lugar Comum*, nº 61, p. 190-210, 2021a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46546/25120>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

HUR, Domenico U. Populismo: debates entre psicologia política latino-americana e psicanálise. *Revista Psicologia Política*, vol. 21, nº 50, p. 87-102, 2021b. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13 de julho de 2023.

HUR, Domenico U. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Práxis Educacional*, vol. 17, nº 46, p. 275-292, 2021c. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8392>

HUR, Domenico U. *Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política*. Campinas: Alínea, 2022.

HUR, Domenico U. & SABUCEDO, José M. (orgs.). *Psicologia dos extremismos políticos*. Petrópolis: Vozes, 2020.



HUR, Domenico U.; SABUCEDO, José M. & ALZATE, Mónica. Bolsonaro e COVID-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. *Revista Psicologia Política*, vol. 21, nº 51, p. 550-569, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200018. Acesso em: 13 de julho de 2023.

HUR, Domenico U. & SANDOVAL, Salvador. Psicologia Política da polarização e extremismos no Brasil: neoliberalismo, crise e neofascismos. In: D. Hur & J. M. Sabucedo (orgs.). *Psicologia dos extremismos políticos*. Petrópolis: Vozes, 2020.

KAËS, René. *L'idéologie: études psychanalytiques*. Paris: Bordas, 1980.

KAËS, René. *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: N – 1, 2019.

LE BON, Gustave. *Psicología de las masas*. Madrid: Morata, 2005 [1895].

MENDONÇA, Ana. De prisão de Moraes até Lady Gaga: confira as fake news bolsonaristas. *Estado de Minas*, 07 de novembro de 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/06/interna_politica,1417836/de-prisao-de-moraes-ate-lady-gaga-confira-as-fake-news-bolsonaristas.shtml. Acesso em: 13 de julho de 2023.

MUDDE, Cas. The populist zeitgeist. *Government and opposition*, nº 39, p. 542-563, 2004.

OYAMA, Thaís. Os nervos estão à flor da pele. *UOL*, 04 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/thais-oyama/2023/01/04/os-nervos-estao-a-flor-da-pele-diz-bolsonarista-que-deixou-acampamento.htm>. Acesso em: 04 de janeiro de 2023.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PORTAL 96 FM. Lula lidera o ranking das citações negativas e xingamentos nas redes sociais: 12 mil por dia. *Portal 96 FM*, 05 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.96fm.com.br/noticia/lula-lidera-o-ranking-das-citacoes-negativas-e-xingamentos-nas-redes-sociais-13-mil-por-dia>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

PORTO, Douglas. Manifestantes hostilizam ministros do STF na porta de hotel em Nova York. *CNN*, 13 de novembro de 2022. Disponível em:



<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/manifestantes-hostilizam-ministros-do-stf-na-porta-de-hotel-em-nova-york/>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

SABUCEDO, José M. & VILAS, Xiana. A ira e as emoções positivas no protesto político. *Revista Psicologia Política*, vol. 19, nº 45, p. 370-381, 2019.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N - 1, 2018.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TAJFEL, Henri & TURNER, John. The social identity theory of intergroup behavior. In: S. Worchel & W. G. Austin (orgs.). *Psychology of intergroup relations*. Chicago: Nelson Hall, 1985.

UOL. Terroristas bolsonaristas depredam Congresso, Planalto e STF. *UOL*, 08 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.htm>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

